



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE HISTÓRIA

ADRIELY NAZARÉ ALMEIDA DE SOUZA

**OS POVOS DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA NADUHUP NO SÉCULO XX (1910-1980) –
CIRCULAÇÃO DE CULTURA MATERIAL E CONHECIMENTOS
ETNOBOTÂNICOS NAS REDES INTERÉTNICAS DO ALTO RIO NEGRO**

BELÉM-PA 2025

ADRIELY NAZARÉ ALMEIDA DE SOUZA

**OS POVOS DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA NADUHUP NO SÉCULO XX (1910-1980) –
CIRCULAÇÃO DE CULTURA MATERIAL E CONHECIMENTOS
ETNOBOTÂNICOS NAS REDES INTERÉTNICAS DO ALTO RIO NEGRO**

O seguinte relatório é fruto do projeto iniciação científica “Os povos da família linguística Naduhup no século XX (1910-1980) – Circulação de cultura material e conhecimentos etnobotânicos nas redes interétnicas do Alto Rio Negro.” desenvolvido entre setembro de 2022 e Agosto de 2024, financiado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e vinculado ao projeto de pesquisa do Dr. Bruno Ribeiro Marques, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em História, pela Universidade Federal do Pará. Orientador(a): Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán.

BELÉM-PA 2025

ADRIELY NAZARÉ ALMEIDA DE SOUZA

**OS POVOS DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA NADUHUP NO SÉCULO XX (1910-1980) –
CIRCULAÇÃO DE CULTURA MATERIAL E CONHECIMENTOS
ETNOBOTÂNICOS NAS REDES INTERÉTNICAS DO ALTO RIO NEGRO**

O seguinte relatório é fruto do projeto iniciação científica “Os povos da família linguística Naduhup no século XX (1910-1980) – Circulação de cultura material e conhecimentos etnobotânicos nas redes interétnicas do Alto Rio Negro.” desenvolvido entre Agosto de 2022 e Agosto de 2024, financiado Museu Paraense Emílio Goeldi e vinculado ao projeto de pesquisa do Dr. Bruno Ribeiro Marques, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em História, pela Universidade Federal do Pará. Orientador(a): Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán.

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

Banca Examinadora:

Presidente da Banca Examinadora .

Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán./UFPA

Membro Externo

Dr. Bruno Ribeiro Marques- MPEG.

AGRADECIMENTOS

Os meus primeiros agradecimentos são totalmente dedicados aos meus pais, Maria de Nazaré Almeida e Ailson de Souza. Nada disso teria sido possível sem o trabalho duro deles, que me proporcionaram todo o conforto possível para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos e realizar minha maior vontade: ser historiadora. Tudo o que tenho feito antes e durante a graduação é por eles e para eles. Quero agradecer imensamente pelo cuidado que têm dedicado a mim ao longo dos últimos 24 anos. Me sinto infinitamente sortuda por ter essas duas pessoas como meus pais.

Gostaria de expressar minha imensa gratidão aos meus dois orientadores: ao professor Bruno Ribeiro Marques, por me dar a oportunidade de exercer este trabalho, crucial para o meu desenvolvimento como historiadora, e ao professor Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán, por ter se disponibilizado durante a reta final da minha graduação, mesmo diante dos diversos entraves que surgiram. Sou grata pela confiança depositada em mim e fico feliz que essa orientação terá continuidade nesta nova etapa da minha vida. Também expresso meus agradecimentos ao professor Márcio Meira, responsável pelo primeiro projeto do qual participei como bolsista PIBIC, essa experiência foi fundamental para minha integração como pesquisadora dos temas indígenas do Alto Rio Negro.

Todo o caminho trilhado até aqui foi suavizado pelas relações que estabeleci na faculdade de História. Sempre me lembrarei das infinitas risadas que meus amigos me proporcionaram, além de tornarem minha caminhada mais leve com todo o seu companheirismo e apoio nos meus dias mais difíceis. João, Marcelo, Adria e Leonardo, sou muito grata por ter vocês em minha vida.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha eterna boyband, One Direction, por serem a luz da minha vida nos momentos mais difíceis. Este trabalho talvez nem existisse se eu não tivesse conhecido sua arte, que me inspira todos os dias. Em especial, gostaria de agradecer ao Liam, por ter sido um ídolo incrível durante sua vida.

Sumário.

1.INTRODUÇÃO.....	6
2.METODOLOGIA.....	9
3.RESULTADOS.....	12
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

RESUMO

Este estudo visou produzir uma história social dos povos Naduhup pelo viés da Etnohistoria, entre os anos de 1910 e 1980, o recorte se concentra nos Hupda-Maku que habitam a região amazônica brasileira no Alto Rio Negro. O objeto central de análise é a cultura material do veneno de caça comumente chamado de curare, buscando averiguar as práticas etnobotânicas, seu desempenho na caça e o universo sociocultural por trás desse valioso conhecimento ancestral. A pesquisa teve como base as etnografias produzidas desde o início do século XX por antropólogos e missionários salesianos, além de contar com os periódicos jornalísticos e científicos da Revista *O Cruzeiro* e a *Revista do Museu Paulista* sobre o curare. Dessa forma, constatou-se que o curare desempenhava uma função prática de caça, mas também era um elemento responsável pela proteção xamânica dos Hupda, além disso, era fulcral para o estabelecimento das trocas no sistema interétnico entre indígenas e não-indígenas. Assim, foi possível averiguar que os povos Naduhup contêm diversos graus de historicidade, refutando a imagem foi lhes atribuída na historiografia pregressa como “escravizados” e “dominados” pelos demais povos indígenas da região.

Palavras-chave: Etno-história; Alto Rio Negro; Maku; Curare.

1. INTRODUÇÃO.

A região do Alto Rio Negro é reconhecida como uma localidade que contém uma multiplicidade de povos indígenas que apresentam uma diversidade linguística e sociocultural. Ao longo dos séculos, desde o princípio da colonização da Amazônia, essa região passou por diversos processos históricos que geraram mudanças nas vivências dos povos originários. Entre essas populações se encontram as famílias linguísticas Tukano, Arawak e Naduhup (Meira, 2018). Nesse sentido, este trabalho se volta para análise dos Hupda-Maku, grupo da família Naduhup, durante o século XX entre os anos de 1903 e 1980, dissertando sobre a sua cultura material.

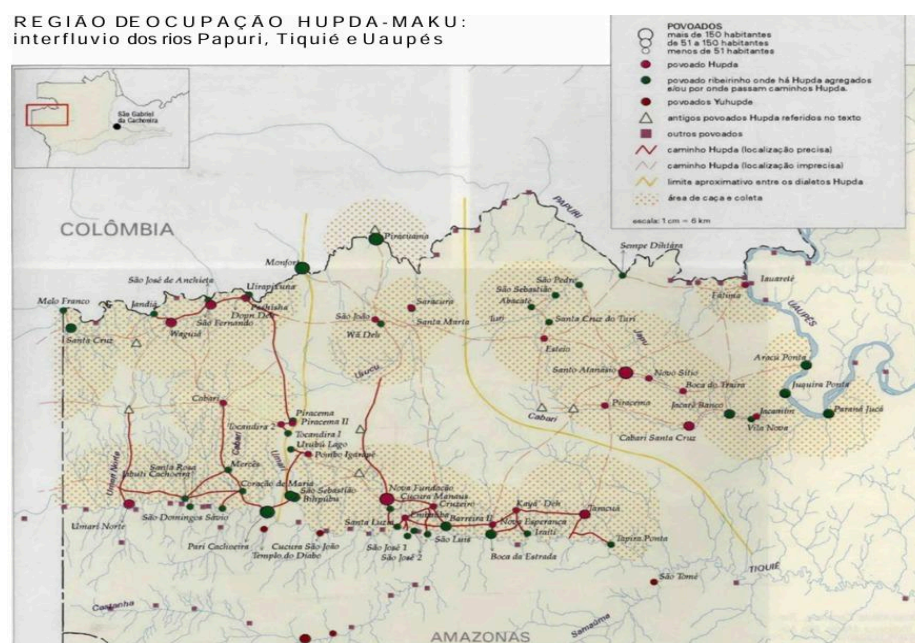
Esse presente estudo busca averiguar a produção, utilização e os significados do veneno de caça chamado curare para os Hupda-Maku. Por esse viés se analisou como esse veneno era utilizado na caça e na subsistência, qual o seu papel xamânico dentro do universo cosmológico dos Hupda, além de averiguar o valor simbólico dessa mercadoria no sistema de troca interétnico regional. Ao destrinchar os significados da sua cultura material, percebe-se o grau de influência desse grupo no cotidiano das sociedades indígenas do Uaupés. O estudo do

curare foi capaz de fornecer outra dimensão interpretativa da agência maku, nos aspectos sociais e simbólicos.

A família linguística Naduhup é comumente chamada de “maku”¹ e tipicamente conhecidos como “Índios do mato”. Habitam as fronteiras do Brasil e Colômbia, essa família linguística é composta pelos grupos Hupd’äh, Yuhupdeh, Nadëb e Dâw, que apresentam quatro tipos diferentes de língua. Na região do Alto Rio Negro, os Hupd’äh, ocupam a margem direita do rio Uaupés, entre os rios Tiquié e Papuri. Esse grupo de indígenas são reconhecidos por transitarem entre as florestas e os interflúvios dos rios, exercem uma alta mobilidade em seu território, sendo um aspecto fundamental do seu modo de vida, seus fluxos constantes são primordiais para estabelecer seus diversos conhecimentos sobre a natureza.

Além da prática da coleta de alimentos, os Hupda-maku são reconhecidos por serem exímios caçadores, suas aldeias reúnem cerca de 25 a 30 pessoas ao máximo. Os indígenas Hupda-maku exercem a endogamia linguística, ou seja, a prática de casamento é realizada dentro do mesmo grupo linguístico, tal costume é mal visto pelos indígenas Tukano que equiparam essa prática ao incesto (Buchillet, 1997).

Figura 1: Área de ocupação Hupda-Maku



Fonte: FOIRN/ISA. 2006.

¹ O termo maku contém uma carga pejorativa, era originalmente usado pelos indígenas Tukano e Arawak para se referir aos povos maku de forma discriminatória, essa denominação foi absorvida pelos viajantes que passaram pelo Noroeste Amazônico ao longo dos séculos. Os povos Naduhup têm protagonizado uma reivindicação para o desuso dessa denominação.

Durante muito tempo a literatura do Alto Rio Negro descreveu os maku como um grupo dominado pelos Tukano e Arawak, servindo-lhes como escravos e vendidos aos brancos, essa narrativa consolidou a imagem de subalternidade aos maku dentro do sistema regional (Marques & Ramos 2019). Essa visão só passa a ser alterada durante o século XX, quando novos agentes vão imergir dentro da região do Alto Rio Negro, como os missionários salesianos e etnólogos.

Conforme o autor Pedro Loli² disserta sobre os primeiros registros da população “maku” que surgem no contexto do século XVIII e XIX, essas documentações foram elaboradas por uma multiplicidade de viajantes que circulavam na região do Alto e Médio Rio Negro, como missionários e viajantes. De forma hegemônica, esses escritos tratavam essa população étnica de forma extremamente simplista e pejorativa. Dessa forma, foram sendo construídas inúmeras narrativas referente aos maku que agregam a eles características negativas acerca dos seus hábitos de vida tradicionais assim, passaram a ser constantemente descritos como incivilizados.

Essa definição sobre os indígenas maku se cristalizou na literatura tradicional do Alto Rio Negro. Dessa forma se criou uma divisão categórica entre os “Índios do rio” e os “Índios do mato”³ sendo os últimos subjugados pelos primeiros. Se atenta ao fato que até o início do século XX as informações acerca dos maku foram construídas majoritariamente de forma exógena a eles, ou seja, por outros indígenas e brancos, sendo privilegiado o “viés tukano”⁴ nessa narrativa.

Presente desde os primeiros contatos entre viajantes e os povos indígenas da Amazônia, o curare instigava uma imensa curiosidade, assim esses cronistas buscaram realizar descrições sobre o veneno. Por meio desses registros foi possível constatar que o curare não era apenas uma substância tóxica usada durante a caça, mas sim um conhecimento sensível que continha práticas rituais específicas. Para compreender seu processo de fabricação entre os Hupda-Maku, recorri a essas observações dos pesquisadores que circularam a região do Uaupés durante no século XX e mantiveram um contato mais profundo com esse grupo.

² LOLLI, Pedro Augusto. A plasticidade Maku. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 18, n. 2, p. 177-198, 2016.

³A expressão *índios do rio* refere-se aos indígenas do que habitam as cabeceiras dos rios, já os *índios do mato* seriam aqueles que ocupam não somente as cabeceiras, mas também o interior das florestas.

⁴Refere-se à perspectiva, sobretudo na área da literatura etnográfica, que privilegia a narrativa dos povos Tukano sobre as formas de organização social *in* MARQUES, Bruno Ribeiro; RAMOS, Danilo Paiva. Dissoluções necessárias: a perspectiva dos Hupd’äh nas relações do “sistema regional do alto Rio Negro”. **Espaço Ameríndio**, v. 13, n. 2, pp. 104-131, 2019.

Para entender a fabricação do curare, é necessário frisar que existe uma gama muito ampla de plantas utilizadas no preparo do veneno, que variam conforme a localidade em que cada viajante se inseria, já que o curare era fabricado por várias etnias indígenas dentro da região amazônica. Entretanto, dentro do sistema rionegrino quem mantinha a predominância da sua fabricação eram os maku, aqui se atenta a fabricação realizada especificamente pelos Hupda. Além disso, existia um forte caráter sigiloso sobre o veneno, os indígenas maku raramente negociavam compartilhar os detalhes do processo a observadores externos, o que reforçava o mistério em torno da substância. Foi com este paradigma do sigilo que os viajantes se depararam ao tentar sistematizar a fabricação do curare.

2.METODOLOGIA.

Compreende-se que, na construção da historiografia brasileira, a figura indígena foi secundarizada, e o apagamento de sua atuação tornou-se uma constante em grande parte das produções historiográficas. A narrativa da conquista, que enfatizava a dominação dos indígenas, foi amplamente reproduzida. No entanto, essa abordagem começou a mudar nas décadas de 1960 e 1970, com o surgimento de novas vertentes historiográficas que passaram a focalizar a história dos “vencidos”. Assim, a Nova História Indígena surge desconstruindo as principais narrativas dos colonizadores e propondo uma escrita que considera as experiências dos próprios indígenas (Almeida, 2017). A partir dessa perspectiva, este estudo tem como objetivo construir uma historiografia que ressalte o protagonismo dos Hupda-Maku.

Assim, as metodologias empregadas nesta pesquisa iniciaram-se com o aprofundamento em bibliografias de base que tratam tanto da família linguística Naduhup quanto das missões salesianas durante o período da República e da Ditadura Militar. Por meio de uma investigação metódica sobre essas temáticas, buscou-se analisar quais narrativas, perspectivas e debates históricos existem sobre a população maku, com a finalidade de proporcionar um entendimento teórico sobre esse grupo. A pesquisa voltou-se para a cultura material, tendo como objeto central de análise o veneno de caça curare. Dessa forma, o estudo foi estruturado em duas partes: a primeira aborda a função prática do curare, e a segunda busca compreender sua cosmologia e simbologia.

Inicialmente, foi realizada a revisão bibliográfica, seguida da investigação de fontes, concentradas em etnografias, periódicos jornalísticos e científicos, desenvolvendo uma análise qualitativa desse material. Para o aprofundamento teórico, utilizaram-se trabalhos na área da

história e da antropologia. Na bibliografia especializada, destacam-se as obras *Os Hupd'äh e seus mundos possíveis: transformações espaço-temporais do Alto Rio Negro* (2015), do antropólogo Bruno Ribeiro Marques; *A Persistência do Aviamento: Colonialismo e História Indígena no Noroeste Amazônico* (2018), do professor Márcio Meira; e o trabalho etno-histórico *História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro* (2005), de Robin Wright.

Entre as fontes utilizadas como base documental, destacam-se etnografias conduzidas por Theodor Koch-Grünberg (1903-1905), Mário e Michel Terribilini (1960) e Gerardo Bamonte (1962-1965) nas regiões do Rio Uaupés, Rio Tiquié e São Gabriel da Cachoeira. Esses materiais etnográficos contêm detalhamentos extensos sobre a vida dessa população. Além disso, as literaturas missionárias foram uma base complementar essencial, incluindo os trabalhos de Alcionílio Brüzzi da Silva (1947-1953) e Norberto Hohenscherer (1973). A produção de antropólogos e missionários no século XX possibilitou uma análise aprofundada dos povos de “menos contato” (Meira, 2018). Os materiais etnográficos foram encontrados no acervo do Instituto Socioambiental, a outra parcela desses materiais foram gentilmente fornecidos pelo professor Bruno Ribeiro Marques.

Os trabalhos etnográficos realizados por missionários e antropólogos, construíram um material de estudos sobre os aspectos socioculturais das populações, esses estudos descritivos foram potenciais fontes históricas. No século XX as etnografias refletiam os valores ideológicos dos seus autores. Compreende-se como etnografia de Koch-Grünberg foi pioneira ao documentar as culturas, línguas e práticas sociais dos povos indígenas da Amazônia, apesar do caráter eurocêntrico em suas escrituras (Petschelies, 2019).

A década de 1920 inaugurou novas diretrizes no campo da antropologia. A crítica ao etnocentrismo e a valorização do relativismo cultural tornaram-se ideologias basilares para as gerações seguintes de antropólogos (Rocha, 2006). Nesse novo contexto multiculturalista, inserem-se os trabalhos de Mário e Michel Terribilini e Gerardo Bamonte. Já as literaturas missionárias fornecem a perspectiva dos salesianos, descrevendo diferentes processos de interação, conflitos e suas percepções sobre os indígenas maku.

Somam-se às etnografias uma série de reportagens voltadas para a região amazônica, que enfatizavam tanto os aspectos culturais dos maku quanto o processo de produção do curare. Entre os periódicos utilizados, destacam-se a *Revista do Museu Paulista*, volume VIII,

disponível em www.etnolinguistica.org, e a revista *O Cruzeiro*, edição de 13/10/1971, disponível em bndigital.bn.gov.br, com o título “*Curare: O veneno que mata devagar*”. Enquanto a publicação da *Revista do Museu Paulista* fornece um entendimento acadêmico e contribui teoricamente para a compreensão dos processos químicos do curare, a revista *O Cruzeiro* oferece uma perspectiva midiática de como a cultura indígena maku foi retratada durante o século XX.

Os caminhos metodológicos para interpretação dessa documentação incorporam o paradigma indiciário, método de investigativo cunhado pelo historiador Carlo Ginzburg, em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1986). Ao se debruçar sobre a inteligibilidade do curare maku, buscou-se desvendar seu universo sociocultural. Por meio da micro-história foram abordadas as práticas culturais, tradições, cosmologia e como se desenvolveram as relações interétnicas em volta do curare, explorando esse universo que tinha sido até então marginalizado pela historiografia, permitindo a reestruturação de sua narrativa histórica, fornecendo novas possibilidades de interpretação.

A abordagem de Carlo Ginzburg, visava compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias práticas e existências. Assim, ao intercruzar as descrições densas das documentações etnográficas e periódicos com a análise micro-histórica, permite-se acessar outra perspectiva sobre a importância do curare tanto para a vida dos Hupda quanto para a sociedade rionegrina.

A interdisciplinaridade proposta pela micro história, permite um diálogo amplo com o campo da antropologia, nesse sentido, a pesquisa insere-se no campo da etno-história, combinando métodos e perspectivas da antropologia e da história cultural que estudam as sociedades indígenas. Este campo busca reavaliar e reconstruir as narrativas históricas tradicionais, escritas a partir de perspectivas coloniais, para dar voz e protagonismo aos povos nativos, reconhecendo sua agência e complexidade cultural. A etno-história é particularmente relevante para a pesquisa, pois ela proporciona uma abordagem para explorar a história social dos Hupda-maku, ao longo do século XX no Alto Rio Negro.

3.RESULTADOS

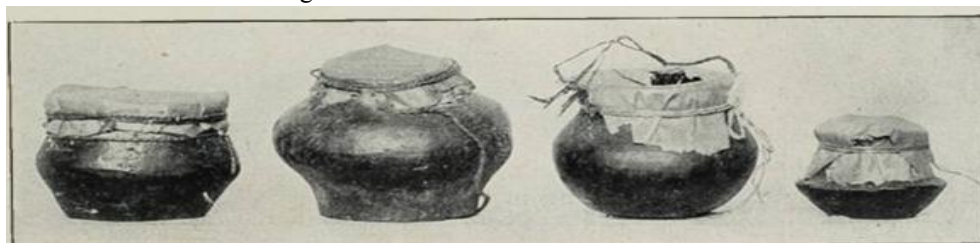
O Processo de Produção: as técnica e a ritualidade

Para discorrer sobre o forma do preparo do curare utiliza-se os dados da etnografia *Zwei Jahre unter den Indianern: reisen in nord west Brasilien, 1903-1905*⁵ do etnólogo Alemão Theodor Koch-Grünberg, juntamente a literatura salesiana “A civilização indígena do Uaupés”⁶ do Professor da Universidade Católica de São Paulo, Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, publicado em 1962. Por meio dessas etnografias, é possível interpretar a fabricação do curare não unicamente como um processo bioquímico, pois, ele incorpora uma dimensão ritualística e simbólica que indica uma conexão com o mundo espiritual na cosmovisão Hupda-maku. Essas práticas específicas envolvem tanto uma restrição alimentar como uma postura corporal adequada.

Dessa forma, a figura responsável pelo curare deve seguir um conjunto de regras. Após o recolhimento das plantas é realizada a raspagem dos caules e raízes, elas eram postas em um funil de folhas de arumã se adicionava água para dissolver os alcaloides tóxicos assim recolhem um líquido avermelhado que posteriormente é colocado no fogo durante dois dias até que vire um xarope escuro.

Durante o tempo do preparo da toxina, o indígena deveria evitar se deitar em rede e deve permanecer próximo ao fogo de coroas. além disso, sua alimentação fica restrita ao chibé (mistura de farinha de mandioca com água), outros alimentos como frutas, carne e beiju e quinhapinha não devem ser consumidos. O efeito prático dessa restrição alimentar é evitar alimentos que interfiram na produção do veneno. Caso essas regras não sejam seguidas o curare perde seu efeito tóxico, a eficácia do veneno não depende unicamente das plantas utilizadas, mas sim da correta execução das práticas ritualísticas, o que indica que na cosmovisão maku, o curare não é apenas um elemento tóxico, mas sim um objeto que detém significado espiritual. o curare é armazenado em potes de barro preto vedados com folhas de palmeiras e mantido em locais secos para não perder suas propriedades tóxicas.

Figura 2- Cerâmica com o veneno curare.



Fonte: Koch-Grünberg, 1909.

⁵KOCH-GRÜNBERG, T. **Zwei Jahre unter den Indianern**: Reisen in Nordwest-Brasilien 1903-1905. Berlin: Ernst Wasmuth A. G., pp.95-102 1909.

⁶ SILVA, A. BRÜZZI ALVES DA. **A civilização indígena do Uaupés**. São Paulo: Centro de pesquisas de Iauaretê, pp. 183-184, 1962.

Após sua preparação, o curare era amplamente utilizado pelos Maku e pelas demais etnias uaupesianas durante a caça, sendo indissociável do uso da zarabatana, também chamada de *pixubinha*. Esses dois elementos se complementam, garantindo uma estratégia eficiente e silenciosa. Conforme a descrição de Gerardo Bamonte, os componentes de caça dos Maku, como as flechas e zarabatanas, são produzidos com uma técnica altamente engenhosa. O conjunto de caça é revestido com uma resina, tornando-o impermeável sob a chuva. A zarabatana, que mede cerca de 3 a 4 metros de comprimento e 4 cm de diâmetro, possui um interior polido, facilitando o sopro e garantindo maior precisão no disparo (Bamonte,1973).

Essa construção permitia que sua mira fosse extremamente precisa, atingindo tanto aves quanto animais terrestres. Além disso, como a zarabatana agia de forma silenciosa, evitava que outros animais fugissem assustados, tornando a caça mais eficiente. O curare, por sua vez, era cuidadosamente aplicado na ponta das flechas, conferindo-lhes um efeito letal que não comprometia a carne do animal, pela baixa absorção do veneno por meio do intestino a carne da presa se mantinha adequada para consumo. O curare proporcionava uma prática de caça altamente qualificada, por esta razão os indígenas de outras etnias percorriam longas distâncias para garantir as zarabatanas juntamente ao curare. A caça com curare garantia constante de carne de caça, um recurso altamente valorizado na região. Em épocas de escassez de alimentos, em seus intercâmbios de troca, os Hupda-Maku trocavam carne de caça por produtos agrícolas como beiju, pimenta e farinha, fundamentais para a sua alimentação (Hohenscherer,1991). Esse intercâmbio, também, consolidava relações sociais e econômicas entre os grupos, reforçando a interdependência dos caçadores Hupda.

A Propriedade Etnobotânica do Curare.

As propriedades botânicas do curare sempre causaram uma extrema curiosidade aos brancos, de fato a origem do veneno era cercada por misticismos e lendas nada verossímeis sobre a sua produção, o mito mais popular sobre o curare afirmava que o preparo era letal e que mulheres indígenas mais velhas eram submetidas a essa atividade, recebendo altas punições sendo sacrificadas até que o curare estivesse pronto e o veneno fosse de fato eficaz.

Em 1954 é publicado o artigo de Ettore Biocca⁷ na Revista do Museu Paulista de São Paulo,⁸ onde o parasitologista realiza um estudo sobre curare. Nessa pesquisa de cunho interdisciplinar, Biocca não apenas sistematizou o modo de preparação do curare, mas conseguiu interpor um estudo sobre a maestria das habilidades botânicas dos Hupda-maku, ele realiza esse estudo em colaboração com as missões salesianas com o padre Antônio Giacone⁹.

O veneno curare já era alvo de estudo desde o século passado, reconhecido na Europa muitos pesquisadores tentavam reproduzir em laboratório o veneno, mas acabavam sem sucesso. De fato os indígenas escondiam os métodos de preparação, de acordo com Biocca o estudo do curare se subdividiu em duas fases, a primeira de relatos fantásticos sobre a sua fabricação e o segundo de pesquisas científicas.

Durante muito tempo se propagou a visão colonialista sobre o curare de forma totalmente preconceituosa, descrevendo o veneno como um segredo diabólico dos povos indígenas. O conhecimento tradicional indígena era instigante, entretanto os indígenas não negociavam revelar como o veneno era feito e nem um antídoto. Dessa forma, durante muito tempo o veneno produzido pelos makus do Uaupés se manteve como um enigma.

Ettore Biocca e sua equipe percorreram a região amazônica para realizar um estudo sobre os diversos tipos de curare. Em sua passagem pelo Alto Rio Negro, Biocca estabeleceu um contato profundo com os Hupda-maku. Conforme suas descrições, o parasitologista obteve uma compreensão totalmente diferencial dos indígenas, rompia com a ótica estigmatizante dos nativos como primitivos, sem dúvida Biocca foi um grande estudioso capaz de compreender a vivência indígena e sua organização social em pleno período de eugenia.

“A nossa viagem foi realizada em 1944, quando na Europa funcionavam as câmaras de extermínio a gás e nos Estados Unidos acabavam de preparar a bomba atômica! O estudo do curare foi, para mim, a mais clara demonstração do gênio desta raça.”¹⁰

Para diminuir qualquer clima de animosidade, Biocca entrega presentes aos indígenas. Primeiramente ele compra dois tipos de curare que os indígenas continham, o primeiro estava

⁷ Nascido na Itália, Ettore Biocca foi um parasitologista que exerceu diversas contribuições ao campo antropológico ao estudar as práticas etnobotânicas das sociedades indígenas amazônicas.

⁸ BIOCCA, E. Pesquisas sobre o método da preparação do curare pelos índios. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, N.S., v. VIII. pp. 165-266, 1954.

⁹ O padre Giacone foi um missionário salesiano que exerceu um trabalho de tradução etnolinguística com os Maku, possuindo assim uma relação de proximidade com os mesmos

¹⁰ *Ibidem*, p. 177.

em um pote e o segundo dentro de espécie de noz, a partir disso ele promete aos indígenas mais presentes se demonstrarem como se faz o curare. Dessa forma, Biocca passa por um processo de imersão cultural e começa seu estudo observando primeiramente a sua preparação.

Conhecem perfeitamente as plantas da mata e sabem preparar o curare. Usam pequenas flechas que envenenam [...] e lançam com zarabatanas. [...] e grandes flechas. Envenenadas [...] para caça maior, atiradas com arco [...]. A preparação do curare, tão importante para a vida dos Maku, é envolta em ritos e mistérios.¹¹

Na manhã seguinte os indígenas maku surgem com muitos arbustos, eram as plantas para a produção do veneno, entretanto os indígenas dizem que não podem preparar o curare, pois, não se encontravam em jejum e não possuíam um recipiente adequado, no caso não usado. Porém, devido à insistência de Biocca ele consegue convencer os indígenas preparem o líquido venenoso, prometeu que o recipiente que trouxe consigo nunca foi usado, assim os indígenas resolvem vomitar o que tinham comido no dia anterior para a feitura do curare.

As diversas plantas que foram colhidas são postas em ebulição e com uma espátula de madeira vai se retirando a espuma, o líquido vai sendo reduzido por meio da evaporação, a fervura segue passa ser gotejada por um funil, esse cozimento se mantém por horas. Um indígena se dirige ao intérprete de Biocca e diz que o método foi demonstrado, entretanto, provavelmente o curare não funcionaria completamente, pois, o ritual não foi seguido à risca, as folhas deveriam ter sido postas para secar por dois dias, no entanto, Biocca afirma que só entregará os presentes depois que o de comprovar a eficácia do veneno produzido matando a galinha que ele trouxe de Pari-Cachoeira.

Assim o indígena pega uma flecha de zarabatana mergulha no líquido que ficou no fundo do recipiente onde foi preparado o curare, entra na maloca e um tempo depois acerta o peito do animal que morre pouco tempo depois. Biocca estava extremamente cético nesse momento, pois, repara que o curare feito em sua presença tinha uma consistência e uma coloração diferente do curare que comprou, por outro lado, ele estava satisfeito em descobrir as plantas que eram utilizadas na composição do veneno. Biocca termina sua experiência distribuindo os presentes prometidos e se prepara para a sua partida

Ao regressar do Alto Rio Negro, Biocca mantém contato com o padre Giaccone, assim são recolhidos periodicamente e enviados para São Paulo amostras de curare. Em seu artigo Biocca afirma que foi possível realizar um estudo que demonstra as propriedades curativas do

¹¹ Ibidem, p. 277.

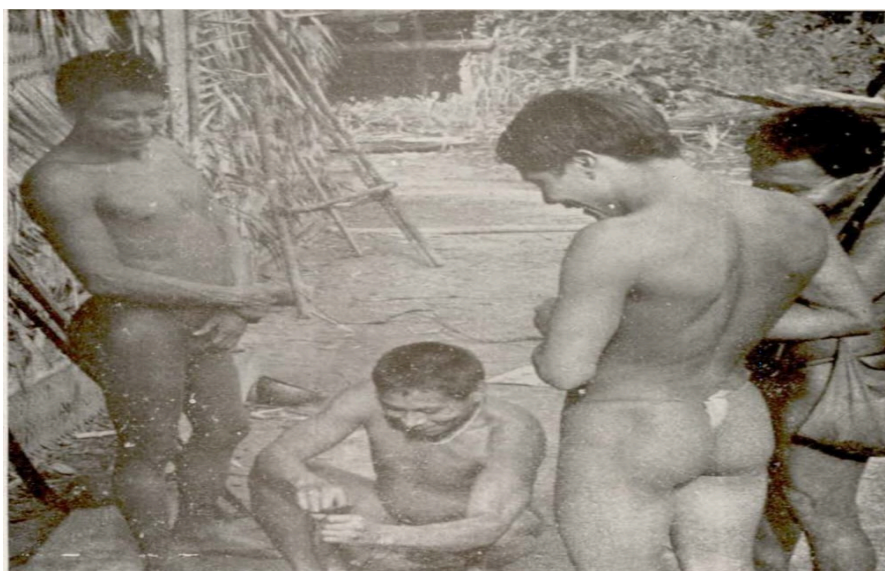
curare. Uma nova menispermaceae foi identificada e chamada de *Chondodendron Bioccai*. Ao finalizar seu artigo Biocca argumenta que a eficácia do curare não estava somente nas plantas utilizadas, mas também no seu preparo eficaz desenvolvido pelos indígenas, o conhecimento dos indígenas do Tiquié para ele era uma operação química extremamente complexa e o avanço científico daquele estudo foi possível graças a sabedoria indígena.

Figura 2- Maku realizando o preparo do curare.



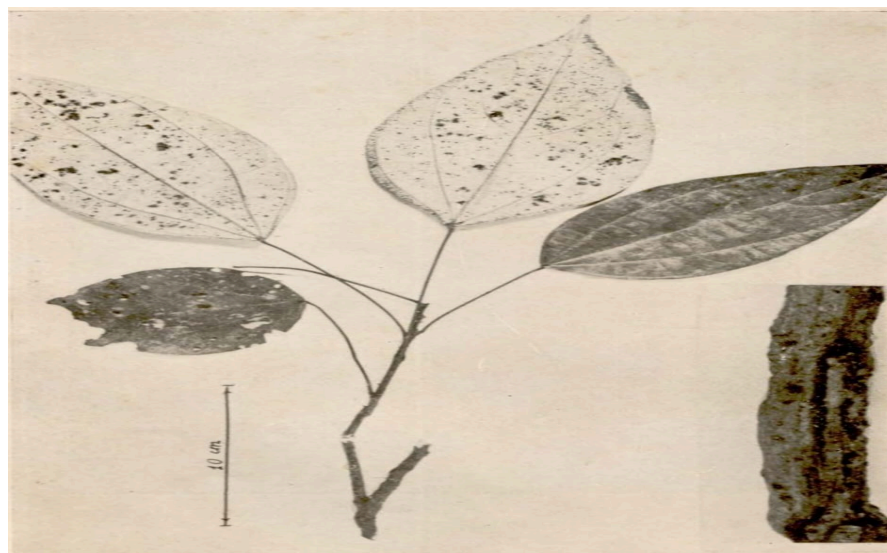
Fonte: Revista Paulista, 1954.

Figura 3- Processo de filtração do curare.



Fonte: Revista Paulista, 1954.

Figura 4- Folhas de Chondodendron Bioccai.



Fonte: Revista Paulista, 1954.

Figura 5- maku com a arma zarabatana.



Fonte: Revista Paulista, 1954.

O Curare na Cosmvisão Maku

O segredo do curare necessita de uma interpretação aprofundada, as possibilidades do sigilo sobre curare vão além das motivações óbvias, como o contato violento com os brancos, perpassa também para o grau de independência dos Hupda-maku sobre as demais etnias

uaupesianas, pois, seu conhecimento também era reflexo da forma de sobrevivência e cultura tradicional. O estudo de Ettore Biocca contém o mito de criação do curare, lenda contada ao padre Giaccone pelo indígena Casemiro, a narrativa do mito é crucial para a compreensão da cosmovisão maku sobre a relevância do veneno para a sua proteção e a forma que este conhecimento foi resguardado.

Antigamente chegaram do Alto Rio Uaupés uns índios bravos e queriam matar os Maku, que eram os verdadeiros donos destas matas. Êstes não podiam defender-se por serem em menor número e sem armas. Perto da povoação dêles havia uma grande pedra. Um dia estavam três Makú perto da pedra quando, de repente, apareceu sôbre aquela pedra um moço bonito e forte que êles apelidaram de "Keinte" (Deus). Ele trazia uma caravatana. Depois êle desceu da pedra e foi cortar uns cipós e mais outras plantas, tirou raízes e cascas, misturou tudo e começou em seguida a preparar o curare. Neste trabalho foi ajudado pelos três Maku. Uma vez pronto molhou a ponta das flechas no veneno, colocou uma na caravatana e subiu ao cimo dá pedra. Os Makú ficaram embaixo olhando o que ia fazer. Logo depois passou perto da pedra uma acoti e o moço soprou ràpidamente na caravatana: a acoti ferida correu a dentro e depois caiu morta. O moço então disse aos três Maku: "Aí onde correu e morreu a acoti estão as plantas que deveis usar para fazer o veneno curare. Cortai-as e fazei como eu fiz; -assim podereis defender-vos de vossos inimigos e também matar animais para a vossa alimentação. O curare é a vossa arma para tudo".¹²

O mito em questão reflete a relação entre a natureza e a espiritualidade para sobrevivência desse povo, dessa forma é possível discorrer sobre a importância simbólica do curare. De acordo com Danilo Paiva Ramos a fabricação e o consumo de determinadas substâncias integra a vivência Hupda,¹³ Ramos evidencia como o consumo do tabaco é uma prática xamânica e um elemento de sociabilidade do grupo, o curare pode ser analisado sob esse mesmo prisma. Assim como o tabaco e a coca são substâncias fundamentais para a prática xamânica dos Hupda-maku, o curare se insere nessa lógica cosmológica que une o mundo físico, a floresta e ao cosmos em um sistema de relação. Nesse sentido, o curare é fruto de um conhecimento ancestral sensível que garante a subsistência, mas também a proteção do grupo, portanto, é um elemento essencial que conecta os maku com a natureza, sendo um artefato de proteção deixado por seus ancestrais. O fumo e o curare, fazem parte do universo xamânico, composto por regras, rituais e conhecimentos transmitidos dentro de redes específicas.

Com relação ao xamanismo Hupda-maku o estudo do curare demonstra que as práticas xamânicas não são somente para o cuidado intracorpóreo, como ocorre com a coca e o tabaco, mas também abrangem formas de defesa voltadas ao mundo externo. Enquanto a coca e o

¹² Ibidem, p. 216.

¹³ Ramos, Danilo. **Círculos de coca e fumaça**. Encontros noturnos e caminhos vividos pelos Hupd'äh (Maku) Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2014.

tabaco são consumidos internamente e desempenham um papel fundamental nos rituais de cura, o curare representa uma dimensão xamânica voltada para a defesa, funcionando como uma proteção corporal e territorial. O estudo do curare se opõe a afirmação de Howard Reid que o xamanismo Hupd'äh seria “fraco” em comparação com os demais xamanismos dos outros povos da região, como a prática xamânica dos indígenas Tukano (Reid, 1979) .

A narrativa mito histórica permite discorrer sobre a aplicação do curare dentro da esfera combativa. O curare, além de sua função na caça, também desempenhava um papel na defesa dos Maku contra inimigos, o ensinamento deixado por Keite (Deus) consistia numa tática defensiva mortal, já que a zarabatana com o curare tornava-se uma arma estratégica durante confrontos.

Referente ao alto grau de protecionismo sobre o curare, a extrema proteção sobre o veneno reflete que sua utilidade não se restringia somente a um recurso de caça, mas também era um elemento que garantia a segurança grupal, desse modo, o sigilo era uma forma de manter os conhecimentos retidos ao poder somente dos hupda, esse controle impedia que as demais comunidades, sobretudo os brancos, tivessem acesso ao veneno, pois seria extremamente perigoso que o curare caísse em mãos erradas. Dessa forma, o conhecimento curare era composto de uma agentividade estratégica, garantindo tanto a sobrevivência física quanto a preservação das tradições maku. Atenta-se que poucos pesquisadores que circulavam na região conseguiram de fato se aproximar do processo de produção, possivelmente pela pouca confiabilidade que os Hupda detinham nos brancos.

A cultura material e as trocas interétnicas.

Adentrando no universo das relações e organizações sociais do sistema indígena rionegrino, o curare é um artefato crucial no campo das relações interétnicas, para a compreensão do funcionalismo das trocas e das hierarquias. Os trabalhos de Koch-Grünberg (1906), Silva (1962), Terribilini (2000), Bamonte (1973) e Reid (1979) convergem ao relatar uma constante disparidade entre os “Índios do rio” e os “Índios do mato”, onde os maku são descritos como serviçais dos indígenas Tukano, essa é a narrativa hegemônica dentro da literatura etnológica do Alto Rio Negro. Essa descrição das populações maku de forma subalterna começa a ser alterada a partir do trabalho de Alcida Ramos, Peter Silverwood-Cope e Ana Gita de Oliveira¹⁴, a percepção desses autores entende a relação

¹⁴ RAMOS, Alcida Rita; SILVERWOOD-COPE, Peter; OLIVEIRA, Ana Gita. Padrões e clientes: relações intertribais no Alto Rio Negro. **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo: Hucitec, pp. 135-182, 1980.

desses agentes como simbiose e não puramente servidão, nesse aspecto as trocas desempenham um papel fundamental para o colaboracionismo entre tukanos e maku.

A circulação do curare sinaliza para uma forma de relação que opera pelo colaboracionismo, o curare fornece outra dimensão dessa relação que não focaliza em conflitos impostos por uma hierarquia, tema hegemonicamente explorado, mas sim na negociação. Nesse sentido se compreende que a relação dos "índios do mato" os "índios do Rio" se baseava em uma interdependência que tendia não somente para o conflito, contrapondo as definições aplicadas a essa relação como "escravidão" e "patronagem" principalmente no que tange âmbito das trocas comerciais. O estudo sobre essas trocas constata que a cultura material do curare é um item essencial para a manutenção dos hábitos cotidianos rionegrinos.

Para compreender as dinâmicas interétnicas entre Maku e Tukanos, recorre-se à teoria de Catherine V. Howard sobre os intercâmbios interétnicos materiais (2002), essa teoria também pode ser aplicada sobre as trocas interétnicas entre as comunidades indígenas. Nesse sentido, esses intercâmbios não refletem somente as relações econômicas, mas também as questões sociais, políticas e culturais, Howard analisa como a troca de bens entre diferentes grupos reside em uma rede complexa de significados. As trocas realizadas pelos Hupda-Makus com as demais etnias do Uaupés podem ser interpretadas não apenas como troca de bens materiais, mas também pode ser avaliada no campo estratégico, já que o curare conferia determinada agência nesse cenário marcado por hierarquias. A negociação não apenas atenuava essas assimetrias impostas aos Hupda-maku, também detinha a capacidade de reafirmar a sua autossuficiência.

Outro tipo de relação interétnica foi estabelecida com os missionários salesianos. No contexto do século XX muitas mudanças ocorreram na sociedade brasileira, implicando diretamente na organização social da vida indígena. A partir do ano de 1914 começou a operar na região entre os povos indígenas a Missão Salesiana, imbuídos pelas ideologias do republicanismo servidor e patrióticos agiam por meio da cristianização, esse período pode ser definido como a era das missões salesianas (Meira,2018). O catolicismo imposto desde a era colonial foi responsável pelo amplo apagamento cultural que ocorreu desde o século XVI, os processos de missionarização consistiram numa imposição dos costumes cristãos, residindo dentro dessa cristianização a dissolução das práticas xamânicas indígenas interpretadas como

heresias, essa lógica ainda persistia no período republicano, justificada pelas ideologias fruto da filosofia positivista.

A atuação salesiana se iniciou pela cidade de São Gabriel da Cachoeira e posteriormente foi se expandindo com a existência de outras sedes em Iauaretê, no rio Tiquié e no rio Içana. O principal modelo de catequização utilizado pelos salesianos era por meio dos internatos. Além dos projetos educacionais, prestavam assistência sanitária, acreditavam que por meio dessas mudanças os indígenas iriam desprender-se de seu modo tradicional e pertenceriam ao progresso (Montero, 2012).

As trocas em busca do curare não eram realizadas somente com as demais etnias indígenas, os salesianos também estabeleceram um alto grau de troca com os Hupda-maku. Em 1960 os irmãos Mario e Michel Terribilini descrevem como ocorriam essas trocas de objetos de manufatura oferecidos pelos salesianos para obter o curare.

Os missionários reservam-se o curare, um anestésico apreciado na cirurgia, e que se vende muito caro na Europa e nos Estados Unidos. Em troca é-lhe dado sal, fósforos, facões e sobretudo, ó sobretudo, calças, que são, como todos sabem, um passaporte indispensável a quem quiser entrar no Reino dos Céu.(Terribilini, 2000, p. 28, tradução nossa)

Em *Selvagens, Civilizados, Autênticos: a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970)*, Paula Monteiro define como multifacetadas as experiências que os salesianos exerceram no Alto Rio Negro. A relação que os missionários desenvolveram com os indígenas não se restringia apenas a uma imposição de moralidade cristã, mas em um exercício de encontro dos “mundos sociais”, essas relações eram repletas de dinâmicas de negociação. Apesar da evangelização os missionários ainda realizavam trocas para a obtenção do curare, o veneno era fundamental tanto para a vida indígena como para os próprios salesianos, assim a dinâmica dessa relação se tornava complexa, afinal o preparo do curare envolvia um ritual xamânico. O campo religioso cristão não era capaz de dissolver os saberes e práticas locais, o curare continuava sendo um elemento central para o Hupda, em sua cultura e na sua resiliência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao longo desse estudo, buscou-se evidenciar como o curare possui uma ampla dimensão e atuação na vida Hupda-Maku e como veneno era fundamental para a manutenção do sistema de subsistência no Alto Rio Negro. O veneno é fruto de um sofisticado conhecimento etnobotânico que foi resguardado por gerações, este objeto é dotado

de uma agentividade capaz de integrar o mundo cosmológico ao mundo físico. Sua natureza ritualística revela sua dimensão sagrada, que fornece alimentação e proteção.

Além disso, ao averiguar a circulação do curare, foi possível demonstrar os princípios de agência dos Hupda-maku. A análise atual revela que os Maku não apenas participavam passivamente de uma estrutura imposta, mas moldavam as dinâmicas interétnicas a partir de seus próprios interesses, utilizando o conhecimento e produção do curare para manter certa autonomia frente às pressões de outras comunidades indígenas e da Missão Salesiana. Dessa forma, ressalta-se os Maku como agentes históricos com capacidade de adaptação e resistência, em vez de simples sujeitos subjugados em uma relação de domínio. A família linguística Naduhup é possuidora de vários conhecimentos, estratégias, portanto é repleta de genialidade e jamais poderiam ser atores secundários.

Dessa forma, a pesquisa buscou uma nova construção historiográfica tendo como base a perspectiva da cultura material, contribuindo para a uma nova narrativa histórica, além revisar narrativas históricas colonialistas, alinhando-se com os princípios da Nova História Indígena. Contudo, a pesquisa ainda esbarra em determinadas lacunas como a difícil tarefa de destrinchar as dinâmicas de gênero e tratar outros aspectos culturais Hupda, tais indagações ainda não foram respondidas pela limitação imposta pelas próprias fontes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Editora FGV, 2010.

_____. Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História**, v. 37, p. 17-38, 2017.

ANDRELLO, Geraldo. Escravos, descidos e civilizados: Índios e brancos na história do rio Negro. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 5, p.107-144, 2011.

BUCHILLET, Dominique. Os índios da região do Alto Rio Negro: história, etnografia e situação das terras. **Lauda antropológico apresentado à Procuradoria Geral da República**, 1997.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo, FAPESP/SMC/Companhia das Letras, 1992.

BAMONTE, Gerardo. **I Macu dell'Alto Rio Negro**: delimitazione delle, Argentina di distribuzione e breve inchiesta etnografica su alcuni insediamenti del Tiquié. Tese de Doutorado– Università degli Studi di Roma, Roma, 1973.

BIOCCA, E. Pesquisas sobre o método da preparação do curare pelos índios. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v VIII n pp. 165-266, 1954.

CEMIN, Arneide. Xamanismo: algumas abordagens teóricas. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, v. 3, n. 15, mar. 1999.

DE CASTRO, Eduardo B. Viveiros. Hierarquia e simbiose em questão. **Anuário Antropológico**, v. 6, n. 1, p. 252-262, 1982.

FOIRN/ISA. **Povos Indígenas do Rio Negro** – Uma Introdução a Diversidade Socioambiental do Noroeste da Amazônia Brasileira. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA. 2006.

FOIRN. **Plano de gestão territorial e ambiental**: Terra Indígena Alto Rio Negro.

FOIRN, 2021. GALVÃO, Eduardo. Aculturação Indígena no Rio Negro. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, N. S. Antropologia, 7. 1959. pp. 1-64.

GIACONE, Antonio. **Pequena Gramática e Dicionário Português**: Ubde-Nehern ou Macú. Amazonas, Brazil: Missão Indígena Salesiana, Rio Uaupés/Rio Negro, 1955.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOHENSCHERER, Norberto. **História da Evangelização dos Maku de Pari-Cachoeira**. Manaus: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, 1994.

HOWARD, Catherine V. A domesticação das mercadorias. **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**, pp. 25-51, 2002.

KOCH-GRÜNBERG, T. **Zwei Jahre unter den Indianern**: Reisen in Nordwest-Brasilien 1903-1905. Berlin: Ernst Wasmuth A. G., 1909.

LOLLI, Pedro Augusto. A plasticidade Maku. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 18, n. 2, p. 177-198, 2016.

MARQUES, Bruno R. **Figuras do Movimento**: os Hupda na literatura etnológica do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional, UFRJ. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). 2009.

_____. **Os Hupd'äh e seus mundos possíveis**: transformações espaço-temporais do Alto Rio Negro [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro], 2015.

MARQUES, B. R., & RAMOS, D. P. (2019). Dissoluções necessárias: a perspectiva dos Hupd'äh nas relações do “sistema regional do Alto Rio Negro”. **Espaço Ameríndio**, 13(2), 104-131. <https://doi.org/10.22456/1982-6524.93602>.

MASSA, Pedro. **Pelo rio Mar**: Missões salesianas do Amazonas, 1933.

MEIRA, Márcio. **A Persistência do Aviamento: Colonialismo e História Indígena no Noroeste Amazônico**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UNIRIO, 2017.

MONTERO, Paula. **Selvagens, Civilizados, Autênticos: a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970)**. 2012.

NIMUENDAJU, Curt. Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés. **Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre**, 1927.

PERET, JOÃO. Curare o veneno que mata devagar. **O cruzeiro**, Rio de Janeiro. v n p, 74-78 out.1971.

PETSCHLIES, Erik. **As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. 2019

POZZOBON, Jorge. **Isolamento e endogamia: observações sobre a organização social dos índios Maku**. Porto Alegre : UFRGS. (Dissertação de Mestrado). 1983.

RAMIREZ, Henri. **A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro: dicionário e guia de conversação**. São Paulo: Associação Saúde Sem Limites. 2006.

RAMOS, Alcida; SILVERWOOD-COPE, Peter; OLIVEIRA, Ana Gita. Padrões e clientes: relações intertribais no Alto Rio Negro. Em: RAMOS, A. (Ed.), **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**, pp. 135-182. São Paulo: Hucitec. 1980.

RAMOS, Danilo. **Círculos de coca e fumaça**. Encontros noturnos e caminhos vividos pelos Hupd'äh (Maku). Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2014.

REID, Howard. **Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku indians of Brazil**. Cambridge: Univ. of Cambridge. (Tese de Doutorado). 1979.

RIBEIRO, Berta G. 1995 Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Companhia das Letras; Edusp RIVET, P; TASTEVIN, C. Affinités du Makú et du Puinave. **Jornal de la Société des Américanistes**, n.s. 12, 1920. pp. 60-82.

ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**, (São Paulo-1991), v. 15, n. 14-15, p. 99-114, 2006.

SILVA, Alcionílio Bruzzi Alves da. **A civilização indígena do Uaupés**. 2. ed. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1977.

TERRIBILINI, Mario. **Les Makús: aux confins de l'Amazonie**. Dactyle, 2000.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. As flechas perigosas: notas sobre uma perspectiva indígena da circulação mercantil de artefatos. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 231-267, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41825784>. Acesso em: 27/12/2024.

VICENTE, Marcos Felipe. História e Antropologia: possíveis diálogos. **AEDOS: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, v. 2, p. 26-43, 2009.

WRIGHT, R. M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas: Mercado de Letras, 2005